

O ESTADO DA ARTE DAS PUBLICAÇÕES CIENTÍFICAS SOBRE GRAFFITI/PICHAÇÃO NO BRASIL

“STATE OF THE ART” OF SCIENTIFIC PUBLICATIONS ON GRAFFITI IN BRAZIL

Priscila Mocelin Lara / UEPG
Ana Luiza Ruschel Nunes / UEPG

RESUMO

O presente artigo objetiva identificar as diferentes concepções de Pichação e Graffiti nos artigos publicados nos anais da ANPAP (Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas) no período de 2007 a 2016 e nos artigos encontrados no Portal de Periódicos da CAPES, no período de 2012 a 2017. No total, foram analisados 20 artigos que evidenciassem em seus títulos e palavras-chave de Pichação e o Graffiti. Assim concluiu-se que a Pichação e Graffiti são concebidas como: intervenção de paisagem, como intervenção social e ato político, inserção de classificação de termos e sistema da arte, exigindo ainda muito estudo e pesquisa sobre e da pichação e graffiti.

PALAVRAS-CHAVE: Estado da Arte; Pichação; *Graffiti*; Pesquisa.

ABSTRACT

The present article aims to identify the different conceptions of Graffiti in the articles published in the ANPAP (National Association of Plastic Arts Researchers) annals from 2007 to 2016 and in the Portal of Periodicals of CAPES, in the period from 2012 to 2017. In total there were 20 articles that highlighted your rights and your keyword Graffiti. The tools eventually became a landscape problem, such as social intervention and political act, data insertion and the art system, it also requires much study and research on graffiti.

KEYWORDS: “State of art”; *Graffiti*; Search.

Introdução

Esse artigo é parte de um projeto de pesquisa do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Estadual de Ponta Grossa, no qual as autoras focalizam a Pichação e a Paisagem, sendo a Pichação uma intervenção conceitual e modificadora da paisagem. A abordagem da pesquisa é qualitativa teórica bibliográfica, a partir do método descritivo interpretativo, baseado na Análise de Conteúdo de Bardin (2011), realizando uma análise da produção científica sobre a compreensão de Graffiti e Pichação de anais da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas-ANPAP entre 2007 a 2016 e dos artigos publicados em periódicos entre 2012 a 2017, no portal da CAPES, cujos descritores de coleta desses dados, foram Pichação e Graffiti. Objetiva pesquisar quais são as concepções de Graffiti e Pichação dos pesquisadores e estudiosos do tema, e que implicações artísticas e estéticas permeiam essas expressões na arte contemporânea.

Pichação e Graffiti: Revendo uma síntese histórica

A Pichação e o Graffiti remontam sua origem já demarcadora de sua função desde a antiguidade e permeia até nossos dias, ainda que no movimento histórico demarcou funções que foram sendo alteradas mas que não perderam seu caráter de intervenção e expressão sócio histórica. Pela análise dos termos, ou seja, das grafias, a palavra Grafite do italiano *graffito* ou *sgraffito*, significa arranhado, rabiscado e é incorporada ao inglês no plural *graffiti*, para designar uma arte/intervenção urbana. Já a palavra Pichação vem da palavra “piche”, que é um material de cor preta, muito pegajosa, utilizada na pavimentação de ruas. As inscrições nas paredes ganharam esse nome por utilizar, a princípio, este material. (OLIVEIRA, p. 46, 2012). No dicionário Priberam da Língua Portuguesa, a Pichação é uma inscrição ou rabisco, geralmente de teor político, em fachadas de prédios, muros ou outras superfícies.

Como sabemos, os seres humanos escrevem nas paredes desde muito tempo atrás e as primeiras manifestações artísticas foram encontradas no Paleolítico Superior ou Idade da Pedra Lascada (aproximadamente 30.000 a.C.), feitas pinturas nas paredes das cavernas com argila e pigmentos retirados de plantas¹, e essa prática continuou com diferentes significados em diferentes tempos. Grandes acontecimentos marcam a história do Graffiti, o movimento artístico Muralismo

LARA, Priscila Mocelin. NUNES, Ana Luiza. O estado da arte das publicações científicas sobre graffiti/pichação no Brasil, In Anais do 27º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 27º, 2018, São Paulo. Anais do 27º Encontro da Anpap. São Paulo: Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, 2018. p.2352-2366.

Mexicano, as escritas no Muro de Berlim, a Revolução Cultural de 1968 e o movimento Hip Hop na década de 1970.

O Muralismo Mexicano foi um movimento que aconteceu no mesmo período da Arte Moderna na Europa, no início do século XX. O México não sofreu com a Guerra como os europeus, mas sofreu com uma ditadura militar que deixou seu povo analfabeto e pobre. Esse movimento surge como uma tentativa do novo governo revolucionário de recuperar a identidade e sentimento de pertencimento do povo. Os muralistas pintavam obras monumentais nos muros da cidade, contando a história do México e fazendo os operários serem protagonistas das obras. Um artista muralista, Diego Rivera, dizia que a pintura era um ato político e não poderia estar nas coleções particulares e nos museus. O muralismo ajudou o México na revolução e fez com que o povo analfabeto conseguisse compreender sua própria história.

Outro acontecimento marcante para a compreensão do Graffiti e da Pichação foi a revolta estudantil em Paris em 1968, que movimentou jovens com pensamentos revolucionários em passeatas, atos públicos e ações como pichar mensagens e palavras de ordem em locais públicos e privados.

A Revolução Cultural de 1968 transformou o spray em uma ferramenta de disseminação rápida e massiva. Os revolucionários, chamados situacionistas, também utilizaram o conceito dadaísta de *readymade* – retomado depois por Andy Warhol na Pop Art -, para subverter a cultura de massa. Reeditavam filmes e quadrinhos virando a moral da história contra ela esma. (SZACHER, 2012, p. 23).

Foi nessa revolução cultural, chamada também de contracultura, a qual fez com que a população notasse que era possível utilizar de espaços públicos de maneira política, tornando assim o Graffiti e a Pichação uma expressão urbana de grande valor social.

Numa espécie de consenso, estudiosos e praticantes do Graffiti elegem Nova York como o espaço onde surgiu essa manifestação, lá pelos idos da década de 1970. Este breve histórico contextualiza [...] sua relação com a cultura hip-hop, num mundo em acelerado processo de globalização. (TARTAGLIA, 2014, p. 49).

Apesar de suas origens serem as mesmas, no Brasil o Graffiti e a Pichação têm diferenças: primeiro na legislação, que considera crime a pichação², diferenciando-a do grafite. Até 2011, ambos eram considerados crimes ambientais, segundo a forma como é feita. A pichação é rápida, transgressora e não se preocupa em ser bela e seu objetivo é marcar as paredes com um nome ou uma frase, sem se importar se é ilegal. O Graffiti geralmente demanda tempo, é mais elaborada e colorida, feita com planejamento e permissão do espaço.

Estado da Arte da Produção Científica sobre Graffiti e Pichação dos anais da ANPAP e Periódicos da CAPES/MEC

A fim de compreender as concepções sobre *Graffiti* e Pichação no Brasil, sabendo que esses termos geram ainda debates e discordâncias, essa pesquisa teve como foco principal analisar as pesquisas científicas (artigos) publicadas nos Anais da ANPAP (2007-2016) e nos periódicos encontrados no Portal da CAPES/MEC (2012 - 2017), totalizando 20 artigos, dentro do contexto delimitado. Primeiramente foram levantadas as informações básicas dos artigos, a fim de compreender suas temáticas e motivações, que resultou nos Quadros 1 e 2, sendo eles as Concepções de Pichação e *Graffiti* encontrados nos anais da ANPAP e as Concepções de Pichação e *Graffiti* encontrados no Portal de Periódicos da CAPES/MEC, respectivamente.

Quadro 1 - ANAIS DA ANPAP					
Concepções de Pichação e Graffiti: 2007 – 2016. Total:11					
Nº	ENCONTRO	TÍTULO	PALAVRAS-CHAVE	AUTOR	ENNODEREÇO – FONTE
A1	16º Encontro – 2007 – Florianópolis	Grafite & Pichação: por uma nova epistemologia da cidade e da arte	Grafite; Pichação; arte; cidade.	Celia Maria Antonacci Ramos	http://www.anpap.org.br/anais/2007/2007/artigos/127.pdf
A2	16º Encontro – 2007 – Florianópolis	Grafite: submissão, asfixia e blá, blá, blá	Arte; cidade; grafite; intervenção urbana.	Luizan Pinheiro	http://anpap.org.br/anais/2007/2007/artigos/032.pdf
A3	18º Encontro – 2009 - Salvador	Por gentileza, que muro é esse?	Arte; cidade; muro; segregação; ativismo.	Célia Maria Antonacci Ramos; Aracéli Cecília Nichelle; Pedro Teixeira	http://anpap.org.br/anais/2009/pdf/chtca/celia_maria_antonacci_ramos_2.pdf

A4	19º Encontro – 2010 – Cachoeira	Intervenções urbanas, arte e escola: Experimentações e afectos no meio urbano e escolar	Intervenção Urbana; Afecto; Múltiplo; Territorialização; Conceito.	Valdemar Schultz	http://www.anpap.org.br/anais/2010/pdf/ceav/valdemar_schultz.pdf
A5	20º Encontro – 2011 - Rio de Janeiro	Graffiti como meio: estética e utopia na paisagem urbana	Graffiti nova-iorquino; Cultura Hip Hop; Utopia; Intervenção Urbana; Street Art.	Otávio Fabro Ota Agnus Valente	http://www.anpap.org.br/anais/2011/pdf/cpa/otavio_fabro_ota.pdf
A6	20º Encontro – 2011 - Rio de Janeiro	Arte de rua: superfícies e circuitos	Artes Visuais; Arte Urbana; Grafite; Pichação	Rosane dos Santos Cantanhed e Kaplan	http://www.anpap.org.br/anais/2011/pdf/cpa/rosane_dos_santos_cantanhede_kaplan.pdf
A7	22º Encontro - 2013 – Belém	Sociabilidade e novos diálogos: as produções do grafite Urbano na cidade de Feira de Santana	Grafite; Cidade; Socialização; Hip Hop	Renata Carvalho da Silva	http://anpap.org.br/anais/2013/ANALIS/comites/pa/Renata%20Carvalho%20da%20Silva.pdf
A8	23º Encontro - 2014 – Belo Horizonte	O grafiteiro/ artista/pesquisador e o ser culto híbrido Contemporâneo	Graffiti; Utopia inconsciente; Ser culto híbrido.	Otávio Fabro Boemer (Ota) Agnus Valente	http://www.anpap.org.br/anais/2014/ANALIS/Comites/3%20PA/Otavio%20Fabro%20Boemer.pdf
A9	25º Encontro – 2016 – Porto Alegre	Pichação e Grafite: inserções no campo da arte	Pichação; grafite; Bienal de São Paulo; inserção; campo da arte.	Adauany Pieve Zimovski	http://anpap.org.br/anais/2016/comites/chtca/aduany_pievezimovski.pdf
A10	25º Encontro – 2016 – Porto Alegre	Do lado de fora: o espaço do grafite na arte e nos direitos autorais	Grafite; espaço público; anonimato; direitos autorais; direito penal.	Angela Cassia Costaldello Marcelo Conrado	http://anpap.org.br/anais/2016/comites/chtca/angela_costaldello-marcelo_conrado.pdf
A11	25º Encontro – 2016 – Porto Alegre	Curadores, artistas e como transformar a arte de rua em algo rentável	Arte Strappata; curador versus artista; Banksy; Blu; OsGemeos.	Marcelo Mari	http://anpap.org.br/anais/2016/comites/chtca/marcelo_mari.pdf

Fonte: Organizado pelas pesquisadoras a partir dos artigos publicados nos anais da ANPAP, no período de 2007-2016.

Nos artigos encontrados nos anais da ANPAP, os autores abordam em sua maioria a história do graffiti, a inserção do graffiti e da pichação em espaços formais de arte e a intervenção em paisagens urbanas. Nota-se que existem autores que necessitam ou abordam em suas compreensões uma diferenciação entre os termos

Graffiti e Pichação e outros que tentam deixar essa classificação de lado, já que esses termos são carregados de valores morais.

No A1, Ramos (2007) traz um apanhado histórico do Graffiti, citando grandes marcos como a Revolução Cultural de 1968, a cidade de Nova York nos anos 70 com os *writers* de trens, o muro de Berlim ou “Muro da vergonha” com suas intervenções de diversas pessoas de diversos países e seus pedidos de paz e, finalmente, São Paulo nos anos 80 com o etíope Vallauri e o grupo Tupinãodá. A autora escreve que os grafiteiros:

Remodelam a cidade e devolvem a ela um caráter de comunicação compartilhada, de recepção de novos significados, tensões e mudanças. Fazem dos espaços da cidade espaços de opinião, de investigação, de diálogo e, por que não, da Arte. Os grafites & pichações possibilitam percebermos uma nova epistemologia para a cidade e para a arte, não mais vista e pensada a partir de um ponto de fuga Renascentista ou eurocentrista, mas fractal, participativa e ativista. (RAMOS, 2007, p.1269)

Luizan Pinheiro no A2 questiona o sistema de arte e das galerias, analisando falas de curadores, que tentam legitimar o graffiti como Arte apenas quando ele está dentro de espaços formais de arte (galerias, museus) e que o grafiteiro só “se torna” artista quando pesquisa e se preocupa com a estética de seu trabalho, esquecendo que “o grafiteiro é um artista sim, sem que ninguém precise denomina-lo assim e, com preocupações além das que o curador elenca” (PINHEIRO, 2007). Sobre a origem do graffiti, Pinheiro cita a entrevista com o grafiteiro Jaime Ramires (MICO), que comenta que a palavra graffiti foi um apelido dado de forma pejorativa pelo New York Times nos anos 70, comparando com o movimento Impressionista, que teve seu nome dado de forma parecida. O autor deixa claro que “a designação correta da expressão não é mais importante que seu acontecimento” (PINHEIRO, 2007, p. 315)

No A3, em 2009, Ramos volta aqui também com um apanhado histórico do graffiti, juntamente com Aracéli Cecília Nichelle e Pedro Teixeira, fala agora sobre a construção de muros que tem como objetivo segregar povos, com motivos políticos ou não. Mostra a importância de artistas que tentam “derrubar” esses muros de forma simbólica, utilizando arte. Cita o artista Banksy, conhecido no mundo todo pelas suas críticas sociais e o artista Profeta Gentileza, que espalhou suas

mensagens de gentileza pelo Brasil, a mais importante delas no Viaduto do Caju, no Rio de Janeiro.

Em A4, Schultz (2010) “pensa as diferentes grafias e experimentações da arte urbana evitando polarizações e classificações, as quais, inevitavelmente, levam a emissão de juízos de valor”. Em diferentes grafias, se refere às escritas em muros, portas, postes, carteiras de escolas, monumentos e todos os diversos suportes que o ser humano usa pra se expressar, seja ele público ou não.

Na perspectiva do pensamento da Diferença, com Deleuze e Guattari e a partir dos estudos de Peixoto esta pesquisa articula conceitos do campo da filosofia, da arte e da educação junto às múltiplas formas de expressão das intervenções urbanas, afirmando as experimentações e os afectos dos diferentes autores no meio urbano e escolar. (SCHULTZ, 2010, p. 2556)

Temos a pesquisa de mestrado no A5 de Otavio Fabro Ota (2011) que pretende investigar, num recorte histórico a partir de 2006 na cidade de São Paulo, o processo de criação de artistas oriundos do Graffiti (Onesto, Os Gêmeos, Tinho, Vitche e Ota (autor da pesquisa)) e que, hoje em dia, atuam no cenário artístico contemporâneo com participações em exposições, observando ou definindo a adequação ou não de seus trabalhos plásticos em relação ao espaço expositivo, de instituições de arte e galerias.

Em A6, Kaplan (2011) fala sobre a difusão do grafite através das redes sociais, a fim de expandir seu território, interesses e seguidores. “A superexposição das ruas, transfere-se assim, para o espaço virtual que funciona como um diário público.” (KAPLAN, 2011, p. 4408,). Outro fator muito importante da utilização dos meios de comunicações midiáticos é que se possibilita uma troca de experiência entre pichadores e grafiteiros de todo o mundo, democratizando o acesso a esse tipo de expressão ao público.

Silva (2013) em seu A7 escreve sobre o cenário cultural do Graffiti na Feira de Santana a qual está diretamente vinculada a cultura Hip Hop da cidade, participando de ações sociais produzidas pelos grupos organizados dessa cultura na cidade. Na questão da diferenciação entre Graffiti e Pichação citada inicialmente, a autora coloca:

É possível identificar uma disputa de posições políticas e estética entre as duas artes. A atuação do pichador na reapropriação territorial e a ilegalidade nas ações são fortes elementos que demarcam a identidade da pichação. Em contraposição, há uma legitimidade da arte do grafite, reconhecida pela população em geral. Mesmo que muitas vezes o grafite seja feito sem permissão do poder público ou do proprietário da parede, a visualidade proporcionada pelos desenhos grafitados é encarada como arte. (SILVA, 2013, p. 1726).

Em A8, novamente o pesquisador Ota/Boemer (2014) escreve sobre o tema Graffiti, agora numa proposta de explorar o trânsito entre o grafiteiro-artista-pesquisador em diferentes núcleos e pesquisar o tema em questão a partir de múltiplos pontos de vista, o qual o autor chama de tríade, se colocando como objeto de estudo da própria pesquisa, sendo o “ser híbrido contemporâneo” que coloca no título. O autor comenta que os Graffitis da época do Bronx, em NY, se aproximam do que hoje no Brasil se conhece como Pichação (*tags*). (BOEMER, 2014).

No A9 Zimovski (2016) levanta questionamentos sobre a pichação como prática artística e sobre a inserção dela no circuito da arte a partir dos eventos ocorridos durante o ano de 2008.

Abre-se debate que questiona o fato de grafites serem feitos para o contexto de galerias, sustentando sob a afirmação de que assim, perdem o seu potencial transgressor, paradoxalmente uma característica essencial para sua constituição como movimento. Cruzam-se duas críticas: a de que o grafite subverte sua essência transgressora – ou seja, subverte sua subversão – e a de que o campo de arte atual, cada vez mais permeado por vínculos corporativos, deixou de ser o local da experiência crítica, tão presente nas décadas de 60 e 70. (ZIMOVSKI, 2016, p. 615)

A 28ª Bienal de São Paulo foi “atacada” por pichadores, o que levantou um intenso debate sobre pichação. O que levou os pichadores a invadir essa Bienal, foi o fato que existia um andar vazio, onde a proposta curatorial foi que esse espaço era “solo propício para fazer emergir as potências de imaginação e da invenção”³. Porém, nada disso impediu que o evento virasse uma ação jurídica, aplicando o artigo 65 da lei nº 9.605/98, denominada Lei de Crimes Ambientais. Isso gerou nova posição de curadores da bienal seguinte e a edição fez um convite formal para os pichadores, decidindo um espaço e criação/registro de pichações pela cidade.

Costaldello (2016) e Conrado (2016) no A10 fazem questionamentos, se é possível proteger pela lei de direitos autorais uma obra cuja execução é prevista como crime, ou seja, graffitiis sem autorização e também como proteger o autor e a obra quando não é possível identificar a autoria.

No último artigo da ANPAP analisado, o A11, nota-se uma aproximação muito forte com os temas levantados nos artigos A2, A9 e A10. Trata-se de uma reflexão feita por Marcelo Mari (2016) sobre acontecimentos ocorridos com graffitiis dos artistas Blu e Banksy, os quais tiveram suas obras literalmente “arrancadas” dos muros, utilizando da técnica da strappatura, para serem expostas e leiloadas. A questão aqui é que o graffiti perde sua potencialidade de subversão quando é “obrigada” a se adequar a algumas necessidades do circuito das artes.

O curador responsável por retirar as obras do artista Blu das ruas de Bolonha, na Itália, usou como justificativa o fato da obra de Blu estar nas ruas, como se isso demonstrasse que a obra não pertencesse ao artista, logo, qualquer um podia fazer o que quisesse com ela, o que provoca a questão de direitos autorais no Graffiti. “O curador tornou-se uma espécie de algoz e bom representante da distopia contemporânea, em que a redução imanente de realidade se dá nos braços da mercantilização e privatização de tudo.” (MARI, 2016, p. 1076).

Para ampliar melhor o tema, seguimos a pesquisa sobre concepções de Pichação e Graffiti investigando a produção científica por artigos de periódicos da CAPES, como pode ser visualizado no Quadro 2. Foram nove artigos encontrados que se mostraram relevantes na construção dessa pesquisa, analisados a seguir:

Quadro 2 – PERIÓDICOS						
Concepções de Pichação e Graffiti: 2012 – 2017. Total: 9						
Nº	ANO	TÍTULO	PALAVRAS -CHAVE	AUTOR	PERIÓDICO	ENDEREÇO – FONTE
P1	2012	Desvio e estetização da violência: uma abordagem sócio-antropológica acerca da atividade dos pichadores de muros no rio de janeiro	Pichação de muros; paisagem urbana; comportam ento juvenil desviante; sociabilidad e delinquente; Rio de Janeiro	David da Costa Aguiar de Souza	Dilemas - Revista de Estudos de Conflito e Controle Social v. 5, n. 2 (2012)	https://revistas.ufrj.br/index.php/dilemas/article/view/7329

P2	2013	O Cristo Pichado Sacralidade e Transgressão de um Monumento Urbano	Monumento s; transgressão; sagrado; espaço público	Emerson Giumbelli	Ponto Urbe - Revista do núcleo de antropologia urbana da USP, 12	https://journals.openedition.org/pontourbe/586
P3	2014	São Francisco: arte urbana e história	Sem palavras-chave.	Caroline Kwasnicki Pereira	Ponto Urbe - Revista do núcleo de antropologia urbana da USP, 15	http://pontourbe.revues.org/2484
P4	2015	Profanações Benjaminianas e a prática grafiteira	Grafite; Benjamin; pós-modernidade; memória social.	Pedro Vasconcellos; Leonardo Perdigão Leite	Revista Periferia, v. 7, n. 2, jul./dez. 2015	http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/18869/19646
P5	2016	A ocupação da cidade de São Paulo: as inscrições urbanas como elos ou barreiras entre o centro e a periferia	Inscrições urbanas; centro-periferia; São Paulo; destinatores; visualidade	Rafael Giardini Lenzi Mariana Cortez	Revista de Ciências Humanas UFSC – v. 50, n. 1 (2016)	https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/37113
P6	2017	Da transgressão ao controle: uma análise dos grafites do muro do Jockey Club do Rio de Janeiro	Grafite; transgressão; poder; sociedade disciplinar; sociedade de controle; Rio de Janeiro	Hely Geraldo Costa Júnior	Cadernos de Arte e Antropologia Vol. 6, No 2 2017	https://journals.openedition.org/cadernosaa/1289
P7	2017	Concretos que falam: análise comparativa de grafites sob vias suspensas nas cidades de São Paulo e Lorena/SP	Grafite; intervenções artísticas urbanas; sociologia urbana; São Paulo; Lorena	Bianca Siqueira Martins Domingos; Gabriel de Oliveira Eloy; Luiz Fernando Vargas Malerba Fernandes	Ponto Urbe - Revista do núcleo de antropologia urbana da USP, 20	https://journals.openedition.org/pontourbe/3426
P8	2017	Intervenções visuais urbanas: sensibilidade(s) em arte, grafite e pichação	Grafite; arte urbana; pichação	Adolfo Pizzinato; Pedro de Castro Tedesco; Cristiano Hamann	Psicologia & Sociedade vol.29 Belo Horizonte 2017	http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822017000100240&lng=en&tlng=en
P9	2017	Grafite e práticas de legalização: artificação e mediação em expressões	Grafite, Legalização, Artificação, Economia Criativa.	José Luis Abalos Júnior Leonardo	PROA Revista de Antropologia e Arte v. 2, n. 7	https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/proa/article/view/2927

		artísticas urbanas em Porto Alegre/RS.		Palhano Cabreira	(2017)	
--	--	---	--	------------------	--------	--

Fonte: Organizado pelas pesquisadoras a partir dos artigos publicados nos periódicos da CAPES, no período de 2012-2017.

Iniciando com o artigo do P1, Souza (2012) apresenta uma abordagem sociológica das motivações que determinam o ingresso de jovens na atividade de pichação de muros e das condições para sua permanência na prática, sendo seu foco de estudos as pichações cariocas entre 2005-2007. O texto oferece também uma delimitação entre pichação de grafite, muito interessante e completa:

Em relação à dicotomia pichação-grafite, primeiramente pode-se dizer que, nas regiões metropolitanas das maiores cidades brasileiras, a pichação está presente, caracterizada pela veiculação através da paisagem urbana, por sua vocação clandestina e por seu aspecto estético com traços rápidos e apressados em tinta spray, cuja premissa é a divulgação através da repetição. O grafite, por outro lado, é uma atividade relacionada à apropriação do espaço urbano para o desenvolvimento de painéis elaborados também em tinta spray (e com outros materiais), porém não monocromáticos e nem com traços econômicos, mas sim extremamente complexos e coloridos. (SOUZA, 2012, p.275-276)

Um ponto relevante nesse artigo são os relatos do autor sobre os acompanhamentos e entrevistas feitas com os pichadores durante as realizações das pichações, pois assim pode falar da própria experiência como pichador durante a adolescência a qual relembrou.

Em P2, Giumbelli (2013) fala sobre as pichações feitas no monumento Cristo Redentor em abril de 2010. O autor tenta interpretar essa pichação não como uma simples quebra na ordem, mas algo que pode ser entendido dentro de um jogo de encadeamentos que caracterizam a própria existência do monumento alvejado e a sua relação com a cidade. Em sua reflexão sobre o ato, Giumbelli cita a distinção entre grafite e pichação feita pelo historiador Paulo Knauss:

A pichação se instala onde a cidade é bonita, arrumada. Ao contrário do grafite, que tende a buscar lugares desprezados. Isto faz parte de uma lógica de abordar e provocar a cidade. Picha-se o que é bonito e se grafita o que é feio. Assim, essas duas formas de expressão exercitam suas críticas urbanas e denunciam a cidade. (KNAUSS apud GIUMBELLI, 2013, p. 8)

Como é possível imaginar, o ocorrido originou intensa polêmica e debate. Tal pichação carregava uma mensagem de protesto e de questionamento sobre três

desaparecimentos da época, o que fez com que a população se dividisse em criticar negativa e positivamente. Alguns pareciam esquecer que a pichação era uma mensagem e se limitavam apenas em condenar o ato a puro vandalismo, outros de difamação ao Cristo, outros apoiaram e aproveitaram a situação para criticar a segurança e o abandono que se encontrava a cidade do Rio de Janeiro.

Em P3, Pereira (2014) nos apresenta um conjunto de fotografias que busca retratar a arte urbana da Rua São Francisco, uma das mais tradicionais e antigas ruas de Curitiba, no contexto do cotidiano e resgatando o histórico da rua, propondo apreender novos sentidos perante os Graffitis ali encontrados.

Vasconcellos e Leite (2015) no artigo do P4 não adotam a distinção entre grafite e pichação e trata por grafite toda forma de manifestação com caráter questionador e subversivo nos muros da cidade. Estabelece relações entre Walter Benjamin e a prática grafiteira, partindo de características como a escrita em fragmentos e pelo recurso de elaboração de imagens como recurso explicativo, e o fato de ambos estarem distanciados dos formalismos acadêmicos.

Em P5, Lenzi e Cortez (2016) analisam a pichação e o grafite como práticas que entrelaçam o centro e a periferia de São Paulo. Comentam também sobre a distinção entre os termos:

Enquanto em outras cidades o mundo o que predomina é que a pichação seria apenas um estilo dentro do grafite, na capital paulistana ela é vista como o seu oposto. O grafite é arte, a pichação sujeira, vandalismo, poluição visual. Compreendemos, contudo, as duas formas de expressão como legítimas representantes das vozes abafadas socialmente, e por isso as tratamos sem distinção. (LENZI; CORTEZ, 2016, p. 171)

O grafiteiro/pichador aqui é entendido como um agente social que atua na transformação da paisagem urbana, apropriando-se dela.

Já em P6, Costa Júnior (2017) faz uma reflexão acerca dos graffitis do muro do Jockey Club do Rio de Janeiro, os quais foram apagados e “restaurados” em 2014. O extenso muro havia sendo grafitado desde 2000 por diversos grafiteiros brasileiros e estrangeiros e foi apagado sem nenhum tipo de aviso, o que gerou uma grande polêmica na época. Surge então um projeto chamado “Jockey Club Arte Urbana”

que teve patrocínio, apoio do governo e até uma curadoria selecionando os artistas grafiteiros. Como já citado em outros artigos aqui analisados, o graffiti novamente perde seu caráter de transgressão e intervenção. Torna-se um produto comercializado e agradável ao público, o marginal torna-se capital.

No P7, Domingos, Eloy e Fernandes (2017) têm como objeto de estudo as colunas de sustentação de duas vias elevadas, uma na cidade de Lorena (SP) e outra do MAAU (Museu Aberto de Arte Urbana) na capital (SP). Os autores comparam criticamente as similaridades e diferenças entre esses espaços e as intervenções urbanas presentes, registrando seus contrastes. Por meio dos grafites, a percepção material da cidade toma novos significados.

Os autores Pizzinato, Tedesco e Hamann (2017) no artigo do P8 discutem os sentidos e significados implicados acerca de três modalidades de intervenções visuais urbanas: a Arte Chancelada, o Grafite e a Pichação. Foram realizadas entrevistas com vinte pessoas sem ligação com esses tipos de expressões urbanas, tendo como principais resultados sobre o Grafite e a Pichação os seguintes fatores:

O Grafite, de maneira geral, aparece relacionado a três conceitos: planejamento, preocupação “estética” e consciência social. [...] Já no que se refere à Pichação, nota-se para os/as participantes da pesquisa a intersecção entre o que eles/as consideram como uma forma de “comunicação grupal”, sua prática na urbe e a comparação com o Grafite e/ou com a Arte Chancelada resulta em uma avaliação negativa desse grafismo. [...] Os sentidos atribuídos a essa prática, nos quais a relação entre sujeira e depredação é muito calcada em uma moralidade do ato, se aproximam de uma ideia de “má educação” por parte de seus/suas praticantes. [...] A Pichação, nesse aspecto, aparenta possuir efeitos diferentes: no tocante a esses grafismos urbanos, a dicotomia maniqueísta é presente, o que deixa implícita uma visão moralista acerca da Pichação. (PIZZINATO; TEDESCO; HAMANN, 2017, p. 1)

Os autores acima em consideraram que as principais relações estabelecidas pelos entrevistados foram as questões jurídicas (legal e ilegal) e a questão artística (estética) para legitimar uma forma de expressão em relação a outra.

No último artigo analisado, P9, os autores Abalos Júnior e Cabreira (2017) propõem uma reflexão sobre os princípios e técnicas transmitidos pelo Graffiti na cidade de Porto Alegre/RS e seus processos de (des)territorialização, ratificação, institucionalização e comercialização. Questionam como uma atividade

caracterizada geralmente como marginal está sendo transformada em bens simbólicos com valor estético e econômico e incluída no que é chamado de Arte Urbana? Os autores discorrem tanto nos fatores positivos como negativos dos processos citados, sendo um ponto positivo os próprios grafiteiros terem renda com seu trabalho e não terceiros, como citados durante o texto. E um ponto negativo, a questão da perda da força expressiva do Graffiti, quando troca a rua pelo museu/galeria.

Considerações Finais

Este estudo se propôs a investigar quais são os principais questionamentos sobre a Pichação e o Graffiti e de quais são as dificuldades conceituais sobre o tema. As abordagens temáticas mais encontradas nas pesquisas analisadas foram: Questões sobre intervenção urbana e de paisagem (A1, A3, A7, P2, P3, P5 e P7); A crítica e questionamento sobre o sistema de arte contemporânea e a tentativa de legitimação do Graffiti (A2, A6, A8, A9, P6 e P9); A análise da Pichação/Graffiti como um ato político e social (A3, A5, A7 e P2); As classificações e termos (A4, P1, P4 e P8) e os Direitos Autorais no Graffiti (A10 e A11).

Ao concluir de forma inacabada, a pesquisa acusa que ainda há muito a ser debatido sobre o tema, o qual têm sua relevância histórico-crítico, principalmente na relação contemporânea de entendimento sobre “O que é Arte?” tão presente nas pesquisas em arte.

Notas

¹ Fonte: <<http://historia-da-arte.info/arte-na-pre-historia.html>>. Acesso em 11 abr 2018.

² LEI Nº 12.408, DE 25 DE MAIO DE 2011. Altera o art. 65 da Lei no 9.605, de 12 de fevereiro de 1998, para descriminalizar o ato de grafitar, e dispõe sobre a proibição de comercialização de tintas em embalagens do tipo aerossol a menores de 18 (dezoito) anos. Fonte: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Lei/L12408.htm#art6>. Acesso em 11 abr de 2018.

³ 28ª Bienal de São Paulo: guia. 2008, p.21.

Referências

- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011, 229 p.
- GRAFFITI. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3180/graffiti>>. Acesso em: 06 jun 2018.
- OLIVEIRA, Anderson Esliete Leite de. *Pichação: arte pública e resistência em Salvador*. 2012, 110 fh. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Departamento de Sociologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia.
- "Pichação". In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013. Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/picha%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em 06 jun 2018.
- SZACHER, Allan (org.). *Estética Marginal - Volume 2*. São Paulo: Zupi, 2012.

TARTAGLIA, Leandro. *Geograffitis: Uma leitura geográfica dos graffitis cariocas*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2014.

Priscila Mocelin Lara

Graduanda do último ano de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Estadual de Ponta Grossa, PR. Participante do Grupo de Pesquisa em Artes Visuais, Educação e Culturas - GEPAVEC/CNPq/UEPG.

Ana Luiza Ruschel Nunes

Pós-Doutora em Artes Visuais - UDESC, 2016-2017. Professora Associada do Departamento de Artes, onde atua na Licenciatura em Artes Visuais, no Mestrado e Doutorado em Educação – PPGE/UEPG. Ampla experiência em Artes Visuais, Ensino e Aprendizagem, Formação de Professores de Artes Visuais e Arte na Pedagogia. Líder da GEPAVEC/CNPq/UEPG.